



**IPG** Politécnico  
da Guarda  
Escola Superior  
de Educação,  
Comunicação e Desporto

# RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Curso de Especialização Tecnológica  
em Acompanhamento de Crianças e Jovens

Ana Luisa Oliveira Palheiro

outubro | 2015





**Instituto Politécnico da Guarda**

**Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto**

**Relatório de Estágio**

**Cáritas Diocesana da Guarda – Centro de Apoio à Vida “NasCer”**

**Relatório para a obtenção do diploma de especialização tecnológica em  
Acompanhamento de Crianças e Jovens**

Ana Palheiro

Outubro 2015

## **Ficha de Identificação**

**Nome:** Ana Luisa Oliveira Palheiro

**Nº:** 5008377

**Morada:** Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, nº 54, 2º Dto, Figueira de Castelo Rodrigo

**E-mail:** luisa.op@live.com.pt

**Curso de Especialização Tecnológica de Acompanhamento de Crianças e Jovens**

**Estabelecimento de Ensino:** Instituto Politécnico da Guarda

**Instituição de Estágio:** Cáritas Diocesana da Guarda – Centro de Apoio à Vida “NasCer”

**Morada:** Colégio de São José

Quinta Nossa Senhora do Mileu

6300 - 586 Guarda

**Telefone:** 271212428

**Telemóvel:** 924053995

**E-mail:** caritas.guarda@gmail.com

**Local de Estágio:** Guarda

**Orientador:** Professora Isabel Portugal

**Supervisor:** Doutora Vera Pragana

Doutora Ana Castro

**Data de Realização de Estágio**

**Início:** 10 de Abril de 2015

**Fim:** 28 de Agosto de 2015

**Duração:** 400 horas

## **Agradecimentos**

Este Estágio foi um percurso durante o qual pude desenvolver muitas aprendizagens e pôr em prática aquilo que me foi ensinado nas aulas teóricas. Mas não o fiz sozinha, havendo outros intervenientes que possibilitaram a minha chegada a esta meta e a quem vou passar a agradecer.

Quero, em primeiro lugar, deixar os meus agradecimentos ao Instituto Politécnico da Guarda, mais especificamente à Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto e à sua Direção constituída pelo Doutor Pedro Tadeu e pela Doutora Rosa Branca Tracana.

Em segundo lugar, deixo o meu agradecimento à minha Orientadora de Estágio, a Professora Isabel Portugal, pelo apoio e conselhos constantes durante o meu período de Estágio e pela ajuda final na elaboração deste Relatório.

Em terceiro lugar, um agradecimento também importante às minhas Supervisoras na Cáritas, a Dr.<sup>a</sup> Vera Pragana e a Dr.<sup>a</sup> Ana Castro.

Em quarto lugar, fica o meu agradecimento a todos os meus professores, que durante largos meses tudo fizeram para me transmitirem os conhecimentos que foram a base do meu Estágio.

Em quinto e último lugar, mas não menos importante, deixo o meu agradecimento à minha família que sempre me deu as bases de crescimento e todo o apoio e amor que só uma família pode dar e, simultaneamente, foram o meu pilar nos momentos mais difíceis quer na vida, quer durante este Estágio.

Também aproveito para deixar um agradecimento aos meus amigos, eles que são para mim parte da minha família e que foram o meu suporte e voz da razão durante este período.

A todos e a cada um, aqui deixo o meu profundo e sincero

**MUITO OBRIGADA!**

## Resumo

Este relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular *Estágio*, do Curso de Especialização Tecnológica de Acompanhamento de Crianças e Jovens.

Teve a duração de 400 horas durante as quais procurei pôr em prática e ao serviço da instituição que me acolheu, todas as aprendizagens obtidas pela componente teórica adquirida nas aulas.

Numa primeira fase comecei por realizar atividades com o grupo de crianças que me foi designado pela minha supervisora, Dr.<sup>a</sup> Vera Pragana, incluindo-se a vertente de acompanhamento das mesmas. Já numa segunda e última fase deste Estágio participei nas rotinas diárias dos bebés e participei noutras atividades ligadas à Instituição, nomeadamente processos de autonomização de jovens mães.

Considero que este Estágio foi gratificante para mim, servindo para desenvolver tanto as competências profissionais que me serão essenciais futuramente, como competências a nível pessoal.

**Palavras – chave:** crianças; jovens; acompanhamento; desenvolvimento; autonomização

## **Abstract**

This report was elaborated in the sphere of action of my Internship, on the Technological Specialization Course Monitoring of Children and Youth.

It lasted 400 hours, during which I've tried to put into practice and to the service of the institution that received me all the obtained by theoretical learning acquired in classes.

In a first period I started to accomplish some activities with the group of children that was delivered to me by my supervisor, Dr.<sup>a</sup> Vera Pragana, including in those accompanying them.

In a second and last period of this Internship I participated in the daily routines of the babies and in other activities also related to the institution, like young mothers' autonomy processes.

I think this Internship was rewarding to me and it served to develop as professional acknowledge will be necessary in my future as personal experience.

## Índice

<b>Ficha de Identificação</b> .....	i
Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract.....	iv
Índice .....	v
Introdução .....	1
Capítulo I - Caracterização da Instituição .....	3
1.Contextualização geográfica: a cidade da Guarda.....	4
2. A Cáritas Portuguesa.....	4
2.1. Missão da Cáritas Portuguesa.....	4
2.1.1. Valores da Cáritas Portuguesa .....	4
2.2. A Cáritas Diocesana da Guarda .....	5
Capítulo II – O Estágio .....	9
1. Local de estágio: Centro de Apoio à Vida (CAV) - Nas©er.....	9
1.1. Estrutura Administrativa do CAV .....	10
1.2. Estrutura Física do CAV .....	10
2. Contextualização teórica das atividades .....	11
3. Descrição das Atividades de Estágio .....	15
3.1.Enquadramento.....	15
3.2.Perfil do Técnico de Acompanhamento de Crianças e Jovens .....	17
3.3. Atividades realizadas .....	17
3.3.1. Atividades lúdico-didáticas.....	18
3.3.1.1. Os Sentimentos .....	18
3.3.1.2. <i>Origami</i> .....	19
3.3.2. Atividades propostas pela equipa técnica .....	19
3.3.3. Atividades livres .....	19
Reflexão Final .....	24
Bibliografia.....	28
Anexos	

## Introdução

O presente relatório surge no âmbito da unidade curricular *Estágio*, inserida no Curso de Especialização Tecnológica de Acompanhamento de Crianças e Jovens (CET-ACJ), tendo-se iniciado no dia 10 de Abril e terminando no dia 28 de agosto do ano de dois mil e quinze.

O Estágio foi realizado na Cáritas Diocesana da Guarda, mais especificamente na valência Centro de Apoio à Vida (CAV) - “Nas@er”.

Apesar de inicialmente ter pensado noutras instituições, a Cáritas Diocesana da Guarda foi a primeira e única instituição que contactei formalmente para realizar o meu Estágio Curricular, tendo aí sido aceite imediatamente. Numa primeira fase tive por supervisora a Dr.<sup>a</sup> Vera Pragana sendo esta substituída (por motivos de saúde), pela Dr.<sup>a</sup> Ana Castro que passou a ser minha supervisora até ao final.

A Cáritas Diocesana é um organismo pertencente à Diocese da Guarda, uma Instituição Particular de Solidariedade Social de cariz religioso. Esta presta apoio de forma geral a todas as faixas etárias da população residente no distrito, tendo como principal foco da sua ação os mais desfavorecidos e as minorias étnicas.

O CAV- “Nas@er”, por sua vez, incide a sua ação no apoio a mães jovens, grávidas ou puérperas, em situação de dificuldade de cariz económico.

Eu escolhi esta instituição pelo trabalho que aí é desenvolvido e pelo tipo de pessoas que por ela são ajudadas, sendo este o tipo de trabalho que eu queria realizar durante o meu estágio.

Numa primeira parte deste relatório irei então fazer uma breve contextualização da instituição, passando primeiramente pela Cáritas Portuguesa, abordando a sua missão e os valores subjacentes.

Prossigo depois para a Cáritas Diocesana da Guarda, abordando aqui a sua missão, visão, valores subjacentes e a sua relação com o voluntariado e terminando com uma breve apresentação dos projetos da mesma, no qual irei referir o projeto no qual tive a oportunidade de estagiar, o CAV-”Nas@er”.

Relativamente ao CAV- “Nas@er” irei referir a sua contextualização histórica, estrutura administrativa e estrutura física.



No segundo capítulo, farei uma descrição do grupo de crianças com quem trabalhei.

Imediatamente, passarei para o relato das atividades realizadas durante todo este período de estágio tendo como ponto de partida o Plano de Estágio apresentado (Anexo 1).

Terminarei com uma reflexão sobre o meu Estágio apresentando as principais dificuldades e enriquecimentos e analisando algumas linhas de ação possíveis para o meu futuro como técnica de Acompanhamento de Crianças e Jovens.

## **Capítulo I - Caracterização da Instituição**

## **1.Contextualização geográfica: a cidade da Guarda**

A cidade da Guarda está situada a 1056 metros de altitude, na região centro do país e pertence à sub-região estatística da Beira Interior Norte. A cidade da Guarda é a capital de um distrito com uma área de 5518 km quadrados, que engloba catorze municípios, sendo estes: Aguiar da Beira, Almeida, Celorico da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Meda Pinhel, Sabugal, Seia, Trancoso e Vila Nova de Foz Côa.

## **2. A Cáritas Portuguesa**

A Cáritas Portuguesa é um organismo oficial da Conferência Episcopal Portuguesa que conta com a supervisão da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana. É constituída no seu total por vinte Cáritas Diocesanas distribuídas pelo país e por inúmeros grupos locais, que atuam em proximidade nas paróquias e comunidades. Cada Cáritas Diocesana tem autonomia jurídica e económica.

### **2.1. Missão da Cáritas Portuguesa**

A Cáritas Portuguesa tem como missão o desenvolvimento humano e a defesa do bem comum através da animação da Pastoral Social, intervindo em ordem à transformação social, desenvolvendo a partilha de bens e prestando assistência em situações de calamidade - no caso de catástrofes naturais ou humanas – e de emergência.

#### **2.1.1. Valores da Cáritas Portuguesa**

A Cáritas Portuguesa rege-se pelos valores de:

- **Caridade e justiça social**
- **Compaixão**
- **Espiritualidade**
- **Gratuidade**
- **Opção preferencial pelos mais pobres**

- **Partilha**
- **Subsidiariedade**
- **Universalidade**

## **2.2. A Cáritas Diocesana da Guarda**

A Cáritas Diocesana da Guarda é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) de cariz religioso e um organismo da Igreja erigida canonicamente pelo Bispo da Guarda, com o fim de promover e apoiar a ação sócio caritativa na diocese<sup>1</sup>. Tem por finalidade promover e apoiar a ação socio caritativa, fomentar a comunicação cristã de bens e procurar auxiliar o desenvolvimento integral da pessoa humana. <sup>2</sup>

Esta instituição tem algumas iniciativas, das quais destaco as seguintes:

**Apoio Domiciliário a Idosos** – Desde Dezembro de 2000 a Cáritas Diocesana da Guarda presta apoio domiciliário a idosos do Jarmelo e das aldeias limítrofes do concelho da Guarda, nomeadamente nas vertentes da higiene pessoal e da habitação. Estes idosos fazem parte de uma população envelhecida cujos filhos residem e trabalham em centros urbanos, na maioria das vezes afastados dos pais. Atualmente, usufruem deste apoio, vinte e três utentes.

**Consulta Pediátrica** – Desde o ano de 2003, a Cáritas Diocesana da Guarda tem em funcionamento nas suas instalações uma consulta de pediatria, dada por uma médica pediátrica aposentada. Esta realiza-se de Segunda a Sexta-Feira durante o período da manhã.

**Visita Amiga** - Esta iniciativa nasceu em 2003. Visto que a Guarda é um centro urbano com idosos que já perderam as suas famílias ou que, em alguns casos, estas estão a residir noutras localidades, este projeto surge como uma forma de fortalecer a solidariedade, de aproximar as pessoas e conseqüentemente de humanizar a cidade. Tem como objetivo mitigar/diminuir a solidão das pessoas idosas e/ou doentes, visitando semanalmente uma

---

<sup>1</sup>Segundo consta no art. 1º Capítulo I dos Estatutos da CDG

<sup>2</sup>Segundo o art. 3º, Capítulo II dos Estatutos da CDG

determinada pessoa.

Para além destas iniciativas existem também projetos como por exemplo:

**Projeto “A Barca”** - Este projeto iniciou-se, também, em 2003 e com ele a Cáritas Diocesana da Guarda pretende proporcionar às pessoas portadoras de deficiência um espaço e um tempo para que possam conviver e pretende, simultaneamente, promover atividades que permitam facilitar a sua integração social. Tem o seu horário de funcionamento aos Sábados, das 15h às 18h. Também uma vez por mês visitam e animam idosos em Centros Paroquiais e Sociais da Diocese.

**Projeto “Crescer.Com” (PROGRIDE)** – Este projeto tem como objetivo geral contribuir para a promoção do sucesso educativo e profissional de crianças e jovens originários de famílias carenciadas e ao mesmo tempo ajudar a promover a sua inserção na sociedade. Neste momento, encontram-se abrangidos por este projeto cerca de cinquenta crianças/jovens e respetivas famílias. Tem como principais ações o apoio a atividades escolares, um *atelier* de artes plásticas, educação musical, Iniciação e aperfeiçoamento nas Tecnologias de Informação e Comunicação (**TIC's**), atividades de Expressão Corporal e de Expressão Dramática, Tertúlias intergeracionais e étnicas, animação de rua, exposições-venda, ações de proteção ambiental, acompanhamento psicopedagógico, entre outras.

Este projeto é formado por uma coordenadora, três professoras, um Técnico Oficial de Contas, um técnico de Serviço Social e uma psicóloga a tempo parcial. Funciona em horário pós- letivo, aos Sábados e em tempo de férias.

A Cáritas Diocesana da Guarda participa também em imensas campanhas humanitárias, quer a nível nacional quer a nível internacional. Como são muitas deixo aqui a mais antiga e a última campanha em que esta instituição esteve envolvida. A sua primeira ação numa campanha humanitária foi em auxílio das vítimas do Furacão *Mitch* em 1998-1999; mais recentemente, participou na campanha Cáritas Socorro Moçambique no ano de 2008, sendo esta a última campanha humanitária conhecida em que a Cáritas Diocesana da Guarda esteve envolvida.

Esta instituição conta com um vasto número de voluntários que dão o seu contributo através de parte do seu tempo dispensado ao serviço desta instituição. Pode ver-se no quadro seguinte o número de voluntários que trabalham em parceria com a Cáritas Diocesana da Guarda e nomeadamente os serviços que prestam.

<b>Serviço</b>	<b>Número de Voluntários <sup>3</sup></b>
<b>Direção</b>	5
<b>Projeto CAV-Nas@er</b>	6
<b>Projeto Crescer.Com (PROGRIDE)</b>	5
<b>Projeto “A Barca”</b>	6
<b>Roupeiro</b>	5
<b>Alimentos</b>	5
<b>Visita Amiga</b>	4
<b>Secretaria</b>	3
<b>Projeto “De Mãos Dadas” (POEFDS)</b>	6
<b>Grupos Socio Caritativos</b>	80
<b>Campanha BACF</b>	100
<b>Outros Serviços</b>	5
<b>Total</b>	230

Tabela I: distribuição de voluntários pelos serviços

<sup>3</sup>O número de voluntários é um número aproximado e não exato, na medida em que estes desempenham várias tarefas.

**O Projeto Centro de Apoio à Vida (CAV) - Nas©er** - É um projeto da Cáritas Diocesana da Guarda e mais especificamente a valência escolhida para realizar o meu Estágio. O Centro de Apoio à Vida (**CAV**) atua nas áreas de **atendimento, acompanhamento** e de **alojamento**, com destino a mulheres ou jovens adolescentes grávidas e puérperas com dificuldades de cariz económico.

## **Capítulo II – O Estágio**



## **1. Local de estágio: Centro de Apoio à Vida (CAV) - Nas©er**

O **Centro de Apoio à Vida (CAV) - Nas©er** encontra-se em funcionamento desde o ano de 2004 e desde aí já beneficiou cerca de 50 pessoas. Atualmente usufruem deste serviço seis mães – das quais três ainda se encontram grávidas – e três bebés, sendo que estas mães têm idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos. No entanto, ao longo do tempo, estes números mudam devido às saídas das mães desta instituição – processo denominado como **autonomização de jovens mães** – e simultaneamente às entradas de novas utentes.

O projeto CAV- “Nas©er” tem como objetivos proporcionar condições que favoreçam o normal desenvolvimento da gravidez, contribuir para o exercício responsável da maternidade e paternidade, assegurar as condições necessárias ao desenvolvimento do recém-nascido e, finalmente promover a aquisição de competências pessoais, profissionais e sociais destas mães.

### **1.1. Estrutura Administrativa do CAV**

Neste projeto encontram-se a trabalhar uma coordenadora em tempo parcial, uma Técnica de Serviço Social em tempo parcial e uma Psicóloga, igualmente em tempo parcial. Para além destas, encontram-se a trabalhar internamente e a tempo inteiro, quatro Ajudantes de Lar.

No que se refere aos recursos materiais, esta instituição possui uma casa cedida pela Diocese da Guarda, onde trabalha toda a equipa e onde residem as mães e as suas crianças.

### **1.2. Estrutura Física do CAV**

Quanto ao seu espaço físico o CAV- Nas©er é composto por **dois pisos**. No **primeiro piso** existe um balneário com casa de banho, um quarto para a funcionária que faz o turno da noite, uma casa de banho apropriada para as crianças e os bebés, quatro quartos, um

elevador com acesso ao piso superior, o escritório – onde trabalham as técnicas nomeadamente a diretora do CAV e a Técnica de Serviço Social e onde também por vezes se realiza o acompanhamento às utentes ou, caso seja necessário, imprimir ou fotocopiar algo ou enviar algum *e-mail*, pois dentro do escritório existe um computador e uma impressora - uma garagem, onde se incluem uma dispensa e uma sala de arrumos (tudo no interior). No exterior – mas ainda no primeiro piso – existe um pátio e adjunto a esse pátio existe a lavandaria – onde as utentes lavam e passam a roupa. Dentro da lavandaria existe também uma casa de banho.

No **segundo piso** existe a cozinha, a sala de refeições, a sala das crianças, dois quartos e um corredor com acesso à marquise/*hall* de entrada.

## 2. Contextualização teórica

De modo a planear melhor as minhas atividades junto das crianças que deveria acompanhar fiz uma breve revisão teórica sobre as perspetivas de Jean Piaget e Erik Erikson. Tratou-se de um pequeno grupo constituído por cinco crianças que designarei pelas letras A, B, C, D e E com idades compreendidas entre os dois e os sete anos. Assim, como argumento para o meu trabalho e tendo por base os ensinamentos de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo, considereirei que:

As crianças A e B encontram-se no **estádio sensório motor**, período em que a criança/ bebé aprende sobre si e sobre o mundo através do desenvolvimento da atividade sensorial e motora. Este estágio caracteriza-se por uma inteligência prática aplicada à resolução de problemas, como por exemplo procurar um brinquedo, agarrar uma bola ou atirar um objeto.

Divide-se em seis sub-estádios: O primeiro sub-estádio é o dos reflexos, que vai dos zero a um mês. O bebé é possuidor de reflexos e atividades espontâneos e inatos que evoluem à medida que este vai interagindo com o meio que o rodeia e simultaneamente assume um papel ativo no seu desenvolvimento. Neste sub-estádio o bebé ainda não adquiriu a permanência do objeto – reconhece os objetos à sua frente mas ao desaparecerem do seu alcance esses deixam de existir para o bebé.

O segundo sub-estádio é o das reações circulares primárias, que vai do primeiro ao quarto mês de vida. O bebé dá atenção aos sons e tem capacidade de coordenar diferentes tipos de informações sensoriais como a audição e a visão. As atividades

centram-se no corpo do bebê e este começa por adquirir os primeiros hábitos.

O terceiro sub-estádio é o das reações circulares secundárias, que está presente entre os quatro e os oito meses. Contrariamente ao que ocorria no sub-estádio anterior, neste as atividades vão centrar-se fora do corpo do bebê – como por exemplo no ato de sacudir o guizo quando ouve barulho ou no balbuciar quando vê alguém simpático de modo a fazê-lo ficar por perto. O bebê procura algo que derrubou mas se não o vir, esse objeto deixa de existir – ausência da permanência do objeto.

O quarto é o sub-estádio da coordenação dos esquemas secundários, que se encontra entre os oito e os doze meses. Neste sub-estádio o bebê generaliza experiências passadas e resolve novos problemas. Gatinha para conseguir agarrar ou afastar determinado objeto e também experimenta, modifica e coordena esquemas anteriores de forma a que encontre um que funcione. O bebê vai adquirindo ao mesmo tempo a noção de permanência do objeto – mesmo que as coisas não estejam dentro do seu alcance visual ele compreende que elas existem e assim o mundo já não se mostra tão caótico para si. Todavia o bebê apenas vai procurar o objeto no primeiro local em que o viu desaparecer ainda que o tenha visto a ser deslocado – erro, A-não-B.

O quinto sub-estádio é o das reações circulares terciárias, encontrado no bebê entre os doze e os dezoito meses. Neste sub-estádio o bebê explora o mundo de forma ativa para conseguir determinar o modo como um objeto ou um acontecimento é novo, recorrendo a estratégias de tentativa-erro para a resolução de problemas. Nesta fase no entanto já não se verifica o erro A-não-B porque o bebê já se apercebe de deslocamentos sucessivos do objeto, mas estes deslocamentos devem ser visíveis, pois o bebê apenas tem em conta um deslocamento invisível. Caso contrário, realizando mais do que um deslocamento invisível, o bebê já não é capaz de localizar o objeto. O bebê varia ações para obter resultados parecidos como por exemplo apertar um pato de borracha que chiou ao ser pisado para ver se chia outra vez. É por sua vez também mais original no que toca à resolução de problemas.

O sexto e último subestádio é o do início da representação simbólica, que está presente entre os dezoito e os vinte e quatro meses. Aqui o bebê representa mentalmente objetos e ações através de símbolos – representação simbólica. O bebê é capaz de imitar acontecimentos ou ações que não ocorrem à sua frente – imitação diferida. A noção de permanência do objeto encontra-se, neste subestádio, plenamente desenvolvida – o bebê já compreende que o objeto ainda existe mesmo quando este é deslocado várias vezes, considerando até os vários deslocamentos invisíveis.

Quanto à linguagem, esta vai sofrendo uma modificação gradual. Nos primeiros seis meses de vida, o bebé vai-se exprimindo por vocalizações, imitando posteriormente os sons que ouve.

No fim do primeiro ano - especificamente entre os dez e os catorze meses – o bebé consegue pronunciar a sua primeira palavra, dando então início o seu discurso linguístico. No entanto, este é um discurso com apenas uma ou duas palavras no máximo, ou no mínimo com algumas sílabas. Aos treze meses o bebé obtém a compreensão de que uma palavra é a representação de um objeto ou acontecimento específico.

Por fim, entre os dezoito e os vinte e quatro meses geralmente o bebé começa por já juntar duas palavras para expressar uma ideia.

As crianças C e D encontram-se no **estádio pré-operatório**. Este é um período antecedente ao pensamento operatório e caracteriza-se pelo desenvolvimento sequencial de uma ideia. Está dividido em dois subestádios: o pré-conceptual (entre os dois e os quatro anos) e o pensamento intuitivo (entre os quatro e os sete anos). O pensamento pré-operatório é caracterizado pelo egocentrismo intelectual – crença da criança de que o mundo foi criado para si – e pela incapacidade que a criança tem de compreender as relações entre as coisas. Assim, a criança não consegue compreender outro ponto de vista para além do seu, excluindo o ponto de vista do outro.

Para além do egocentrismo, este é também um pensamento mágico devido a uma grande imaginação que nesta fase a criança possui, permitindo-lhe acreditar que consegue tornar os seus desejos realidade sem necessidade de preocupação lógica. A partir dos quatro anos a criança obtém o pensamento intuitivo. Neste subestádio já se verifica uma descentração cognitiva em relação ao subestádio anterior, permitindo à criança um avanço na resolução de problemas e na aquisição de novas aprendizagens. É um pensamento irreversível, visto que a criança não compreende a diferença entre transformações reais e transformações aparentes e percebe um acontecimento em partes separadas.

A criança E encontra-se no estágio de **operações concretas**. Neste estágio o pensamento é menos intuitivo e egocêntrico e passa a ser mais lógico, com a capacidade de a criança realizar operações mentais. O pensamento da criança começa a organizar-se em estruturas de conjunto e obtém um raciocínio reversível, flexível e mais complexo. A criança pode avaliar e estabelecer relações de causa-efeito caso à sua frente tenha um objeto e observe as transformações do mesmo. Com esta idade a criança tem a noção da conservação da matéria sólida, recorrendo a um raciocínio lógico e reversível através do uso da inferência lógica.

Relativamente a Erik Erikson farei a análise das crianças deste grupo segundo os estádios que ele denominou de **crises** e assim:

As crianças A e B estão abrangidas pela segunda crise estudada por este autor, ou seja, a crise **autonomia versus vergonha ou dúvida**. Nesta fase de vida predomina a contradição entre a vontade própria e autonomia exercidas pelo bebé e a dúvida e vergonha resultantes do excessivo exercício desta autonomia por o mesmo se sentir ainda muito dependente da mãe ou de outras pessoas externas. Para Erikson a chave para a resolução desta crise está na orientação parental e proteção dadas ao bebé, pois caso a criança se sinta protegida durante este processo de autonomização poderá desenvolver sentimentos de força de vontade e de autocontrolo – sendo estas as virtudes positivas básicas necessárias para a resolução positiva desta crise. Quanto à dúvida, esta tem por função ajudar as crianças a reconhecer o que ainda não estão prontas para fazer e a vergonha ajuda-as a viver com regras. O bebé precisa dos adultos para que lhe sejam impostos limites adequados ao seu desenvolvimento e ambas – a vergonha e a dúvida – auxiliam na necessidade de reconhecimento dos mesmos pelo bebé.

As crianças C e D estão já na crise **iniciativa versus culpa**. A identidade pessoal e cultural a ser construída por estas crianças – em idade escolar - vem acompanhada por diversas emoções que estas devem aprender a integrar na sua personalidade. Estas crianças podem e querem fazer cada vez mais coisas mas aprendem que algumas delas recebem aprovação social enquanto outras não. Esta oposição marca o conflito entre a criança que continua a ser exuberante e deseja obter novas experiências e testar novos poderes e a criança que se está a tornar num adulto, examinando a correção de motivos e ações.

Se a criança aprende a regular estes impulsos opostos desenvolve a “virtude” **propósito**, a coragem de imaginar e perseguir metas sem se sentir inibida pela culpa ou medo de punição. Caso não obtenha uma resolução positiva a criança poderá vir a tornar-se num adulto que se esforça sempre por obtenção de sucesso ou se exhibe, ou por outro lado que é inibido e pouco espontâneo ou convencido das suas virtudes e intolerante, ou que sofre de impotência ou doenças psicossomáticas.

Por sua vez a criança E, segundo Erikson, está integrada na crise **indústria versus**

**inferioridade** que se resolve na terceira infância. A ideia que a criança tem da sua capacidade para um trabalho produtivo é determinante da auto-estima. A vertente negativa desta crise corresponde ao sentimento de inferioridade por não se sentir segura das suas capacidades ou então por não se sentir reconhecida e confiante no que respeita ao seu papel social. Nesta fase os amigos são importantes. Resolvendo-se positivamente esta crise surgem na criança a capacidade e o método, o que se reflete numa auto-imagem positiva e na motivação cada vez maior para a resolução de problemas e de novas aprendizagens.

### **3. Descrição das Atividades de Estágio**

#### **3.1. Enquadramento**

Numa primeira fase – mais precisamente entre os dias 10 de Abril e 29 de Junho – apenas trabalhei dois dias por semana, desenvolvendo, em cada um deles, atividades de cariz diferente, como irei explicar. Encontram-se em anexo (Anexo II) as páginas do Diário de Bordo referentes aos dois primeiros dias (10 e 11 de abril). Na segunda fase do Estágio – nomeadamente a partir do dia 29 de Junho e até ao dia 28 de Agosto, data final do mesmo – passei a cumprir horário todos os dias, com a carga horária de 8 horas, de Segunda a Sexta-Feira e mantendo o período da manhã ao Sábado.

De acordo com o Despacho nº 12019/2012 (Anexo III) o técnico de acompanhamento de Crianças e Jovens deve ser um profissional que, de forma autónoma ou integrado numa equipa, orienta, apoia e supervisiona crianças e jovens em idade escolar, assente em princípios deontológicos e conducente à valorização da formação humana, à promoção da educação pessoal e social e à aquisição e desenvolvimento de competências, pelo que procurei desenvolver as minhas atividades de Estágio conforme a legislação.

Por outro lado, tive como documento orientador o meu Plano de Estágio devidamente aprovado pela minha Supervisora. Tentei seguir tudo o que fora previamente decidido mas, naturalmente, tive necessidade de ajustar alguns procedimentos.

Perante a situação real do local de Estágio e do grupo de crianças que acompanhei procurei sempre trabalhar pelo respeito à dignidade de cada um e em conformidade pela ética e deontologia própria de um técnico que tem como objetivo o melhor desempenho

possível. Como estagiária tive de respeitar as hierarquias e as regras preexistentes na instituição mas sempre que me foi permitido usufruí de autonomia para levar a bom termo as atividades projetadas. Foi neste contexto técnico e humano que trabalhei e dessas tarefas passo a dar conta:

Numa primeira fase – mais precisamente entre os dias 10 de Abril e 29 de Junho - às Sextas-Feiras, apenas cumpria horário durante quatro horas – nomeadamente das 16.30h às 20.30h - aproximadamente e ao final da tarde, estando principalmente incumbida de auxiliar nas refeições das crianças ou outro tipo de tarefas que me fossem solicitadas. Normalmente saía das aulas, apanhava um autocarro em direção ao CAV e entre a minha hora de chegada (aproximadamente 16.30h) e a hora de regresso a casa das crianças vindas da escola (entre as 17.30h e as 18h) ia auxiliando as funcionárias ou as mães nas tarefas que fossem necessárias e caso me pedissem. Quando as crianças regressavam, sempre acompanhadas por alguém da Cáritas Diocesana e por duas ou três mães, seguiam com as respetivas mães para os seus quartos e pouco depois, quando elas regressavam, é que eu ia com elas até à Sala das Crianças. Aí fazia jogos e brincava com elas enquanto as mães e as funcionárias se ocupavam das suas refeições. Outras vezes, as crianças chegavam a casa, iam aos quartos pousar as mochilas com as mães, regressavam ao andar de cima até à Sala de Refeições e faziam a sua refeição durante a qual eu estava presente caso fosse necessário qualquer tipo de auxílio. Só depois disto é que eu poderia seguir com elas até à Sala das Crianças, onde fazíamos jogos e brincávamos. À hora do jantar auxiliava as crianças e voltava a ficar com elas enquanto as mães e as funcionárias jantavam e realizavam as tarefas habituais. Ficava aí até que terminasse o meu dia de Estágio e regressasse a casa. Esta rotina foi-se mantendo todas as Sextas-Feiras pouco variando durante este período.

Aos Sábados, o meu horário era apenas cumprido durante o período da manhã entre as 9.30h e as 13.30h. Basicamente, para além de realizar atividades de modo a manter as crianças ocupadas enquanto as utentes realizavam as tarefas que lhes eram atribuídas, também ajudava na refeição do almoço ou no que fosse necessário, tendo no entanto, o foco principal no auxílio do almoço para as crianças. Nos primeiros Sábados, enquanto as utentes e a funcionária que estava de serviço almoçavam, eu ficava a vigiar as crianças, mas a pedido da minha supervisora passei a almoçar ao mesmo tempo que as utentes e a funcionária, mantendo porém, a atenção nas crianças quando estas não iam até aos seus quartos imediatamente após o seu almoço. No fim da refeição, se fosse necessário, ainda ficava mais um pouco com as crianças até que estas fossem levadas

pelas respetivas mães para os seus quartos a fim de fazerem a sesta.

Já na segunda fase do Estágio – nomeadamente a partir do dia 29 de Junho e até ao dia 28 de Agosto, data final do mesmo – passei então a cumprir horário todos os dias, aumentando a carga horária para 8 horas de Segunda a Sexta-Feira (entre as 9.30h e as 17.30h) e mantendo o período da manhã ao Sábado (entre as 9.30hb e as 13.30h).

### **3.2. Perfil do Técnico de Acompanhamento de Crianças e Jovens**

Conforme o Despacho nº 12019/2012, o Técnico de Acompanhamento de Crianças e Jovens deve adquirir as seguintes competências:

- Dominar saberes de natureza científica, técnica e prática facilitadores de uma ação profissional integrada e participada;
- Compreender normas de funcionamento das instituições, com vista a uma atuação pautada por princípios de rigor, de segurança e de qualidade;
- Promover e dinamizar, autónoma ou colaborativamente, projetos e atividades socioeducativos, recreativos e de lazer, devidamente integrados nas dinâmicas das instituições e dos contextos em que cada um exerce a sua atividade profissional;
- Favorecer, nas crianças e jovens, a construção de disposições para aprender e o desenvolvimento de atitudes e hábitos de trabalho, autónomo e em grupo;
- Perspetivar o trabalho de equipa como fator de enriquecimento da sua formação e da sua atividade pessoal;
- Promover interações e relações de respeito mútuo com todos os membros da instituição e com as famílias, nomeadamente no âmbito dos projetos de vida e de formação das crianças e dos jovens;
- Manifestar a capacidade relacional, de comunicação e de equilíbrio emocional, promovendo um clima de convivência democrática;
- Assumir uma dimensão cívica e formativa inerente às exigências éticas e deontológicas da sua atividade profissional.

### **3.3. Atividades realizadas**

Como já disse, num primeiro período de estágio apenas fui à instituição às Sextas-



Feiras e aos Sábados, uma vez que me encontrava em aulas, e fui realizando, essencialmente, atividades lúdico-didáticas como «Os sentimentos» e *Origami*, atividades dedicadas a dias especiais ou épocas festivas – por exemplo o «Dia da Mãe» - atividades sugeridas pela equipa técnica – mais precisamente a pintura de um mega poster – e atividades livres, nas quais eu e as crianças criávamos jogos ou brincadeiras, desenhávamos e pintávamos, fazíamos puzzles ou brincávamos com materiais que nos eram disponibilizados pela Cáritas Diocesana ou por algum membro da equipa técnica – como foi o caso de um quadro levado para o “Nas©er” pela Dr.<sup>a</sup> Vera, o qual tinha de um lado um quadro para escrita e incluía uma caixa com giz e um apagador e do lado oposto tinha um outro quadro branco onde se poderiam colar ímanes, cada um com a forma de uma letra do abecedário, que vinham também com o mesmo.

De facto, uma das atividades realizadas foi a montagem deste quadro com o auxílio de uma das utentes o que agradou imenso às crianças. Posteriormente ele foi usado por mim aquando da realização da atividade “Os Sentimentos” e para outras atividades livres.

### **3.3.1. Atividades lúdico-didáticas**

#### **3.3.1.1. Os Sentimentos**

Comecei por fazer um pouco de exercício físico, tendo em conta o espaço em que estávamos e tentando adaptar esta atividade ao mesmo. Portanto, decidi investir em exercícios que não incluíssem corrida e não exigissem demasiada mobilidade, ou seja, saltos e alguns exercícios de aquecimento. Estes exercícios foram realizados de forma moderada, por mim (supervisionados com toda a atenção para evitar que as crianças se magoassem) e acompanhados com música. No fim, pedi às crianças que se sentassem à minha frente em semicírculo e, uma a uma, fui perguntando o que sentiam. Como elas não tinham entendido de imediato a minha pergunta fui-lhes dando orientações, como por exemplo, perguntando se se sentiam felizes ou animadas, cansadas, etc., ao que me responderam que se sentiam, sobretudo, um pouquinho cansadas devido ao esforço físico ao saltarem mas que também se sentiam alegres.

De seguida, deixei que descansassem um pouco e passei a uma segunda atividade, na qual utilizei o quadro. Pretendia, inicialmente, que as crianças associassem um sentimento a uma expressão – no quadro estavam escritos os nomes de sentimentos como

a alegria, a tristeza, a fúria e a admiração - e depois que através destas palavras as crianças desenhassem as expressões correspondentes. Acabei por mudar de estratégia e escolhi, em vez dos nomes dos sentimentos, desenhar no quadro *smiles* pedindo a cada criança que identificasse o sentimento que ali estava representado. As crianças foram apresentando várias respostas mas acabaram por decifrar as expressões desenhadas e acertar no sentimento a cada uma ligado. No fim, voltei a pedir às crianças que formassem um semicírculo à minha frente e refletimos juntos sobre a atividade.

Com a primeira atividade pretendi que as crianças associassem a prática de exercício físico aos vários sentimentos que esta pode provocar; com a segunda, tive como objetivo que as crianças fossem capazes de associar expressões faciais, representadas pelos *smiles* desenhados no quadro, a um determinado sentimento.

### **3.3.1.2. Origami**

Com base nas minhas aprendizagens na Unidade Curricular de Expressão Plástica, criei alguns *origamis* com as crianças, como foi o caso do *origami* do chapéu. Também decidi aproveitar alguns *origamis* que já tinha feito e deixar que as crianças os pintassem, para que ficassem mais originais. Esta foi uma atividade de que elas pareceram gostar.

### **3.3.2. Atividades propostas pela equipa técnica**

Foi-me proposta pela minha coordenadora na instituição, a Dr.<sup>a</sup> Vera Pragana, a pintura de dois megas pósteres. Estes dois pósteres saíram inicialmente da Cáritas Diocesana e foram levados para a instituição pela Dr.<sup>a</sup> Vera, que nos entregou com as indicações para que eu os pintasse com a ajuda das crianças a fim de serem emoldurados.

No dia seguinte expliquei às crianças que estavam comigo, as crianças C,D e E o que tínhamos para fazer e começámos a pintar um dos pósteres o que levou algum tempo devido a ser grande (já não pintámos o outro).

### **3.3.3. Atividades livres**

Estas atividades foram desde brincadeiras criadas pelas crianças, a jogos com

*puzzles* ou legos, passando por desenhos e pinturas ou, por vezes, leitura de histórias e algumas pequenas danças também criadas por mim ou pelas crianças.

As crianças brincaram frequentemente aos «Pais e Filhos», aliás, mais em especial a criança D, que gostava imenso de distribuir os papéis por todos. Normalmente ela fazia de mãe e muitas das vezes pegava num urso de peluche que tínhamos na sala e fazia de conta que era mais um dos seus filhos.

Todas as crianças aderiam extremamente bem a esta brincadeira e adoravam este mundo do «faz-de-conta» totalmente criado por elas.

Ainda dentro destes jogos criados pelas crianças, recordo um jogo que foi inventado pela criança D a que vou dar o nome de «O jogo do Supermercado». Neste jogo, uma pessoa era cliente e outra era a vendedora – umas vezes eu era a cliente e a criança D era a vendedora ou vice-versa – e a pessoa que fazia de cliente ia andando pela casa, como se andasse num supermercado a fazer compras e de seguida dirigia-se até ao local onde estava a «vendedora» e fingia que pagava as compras que tinha feito.

Para além destes jogos, fizemos desenhos e pintámos.

Outra das atividades foram as construções com legos. Conseguimos fazer construções interessantes e eu tentei incentivar as crianças a usarem a sua imaginação. Estas eram bastante criativas e muitas vezes recordo-me de que ao perguntar-lhes o que tinham construído, recebia respostas como “construí um carro” ou “eu construí uma casa”.

Durante algum tempo as crianças também foram brincando com o quadro levado para a instituição pela Dr.<sup>a</sup> Vera Pragana. Houve um dia em que, tendo o grupo todo comigo, o dividi: enquanto as três crianças mais velhas ficaram a desenhar num lado do quadro, eu fiquei com as duas crianças mais pequenas do lado oposto do quadro a brincar com as letras. Depois pedi às crianças C e D para passarem para o lado oposto do quadro para formarmos palavras com as letras, enquanto as mais pequeninas foram brincar com algum brinquedo.

Também executámos jogos tradicionais como foi o caso do jogo «Mãe dá licença?». Este jogo consiste em que um jogador – que faz de mãe – se coloque num dado local e os restantes – que são os filhos – fazem a pergunta «Mãe dá licença?», ao que o jogador que faz de mãe responde “sim” ou “não”. Caso responda “sim”, o jogador que faz a pergunta indaga qual o número de passos que é pretendido, ao que o outro jogador responde por exemplo «3 à bebé». Caso responda “não”, o jogador (filho) terá que deixar de jogar e voltar a fazer a pergunta. O «filho» terá então que dar esse número de passos.

Este foi um jogo realizado com mais do que um jogador e o primeiro a chegar perto de quem fazia de mãe tornava-se na pessoa a fazer a personagem da mãe. As crianças D e E gostavam bastante deste jogo e muitas vezes pediram-me que o realizássemos.

Procurei inculcar nas crianças a prática de atividade física e recorrendo à música, eu e as crianças, criámos algumas coreografias baseadas em movimentos que cada criança fazia ao ouvir a música. Esta foi uma forma fácil de incentivar as crianças a fazerem algum exercício de modo divertido e, sem dúvida, constatei a aplicabilidade dos ensinamentos que me foram dados nas Unidades Curriculares de Expressão Físico-motora e Expressão Musical – esta última na qual me inspirei, para a realização destas atividades, no que aprendi sobre a Musico-terapia durante as aulas teóricas.

Para além destas atividades que íamos realizando, as crianças também viam desenhos animados.

No segundo período do meu estágio – que equivale também à parte final e mais longa do mesmo – o meu horário começou a ser exercido durante toda a semana, iniciando uma rotina diária a nível interno e passando, posteriormente, para tarefas a nível externo.

No que respeita à minha rotina diária a nível interno, eu estava essencialmente incumbida de auxiliar nos cuidados prestados aos bebés nas refeições, nos banhos, nas mudas de fraldas ou, se necessário, em adormecê-los, para além de os supervisionar enquanto a funcionária estivesse ocupada

Nos primeiros dias, como ainda não tinha experiência, apenas fui vendo – sempre a acompanhar uma funcionária ou a minha supervisora de estágio – como se dava banho aos bebés, como pegá-los ao colo, quais os horários das refeições de cada um ou mesmo como os adormecer.

Pouco depois, mas sendo supervisionada, pude então ir ajudando na prestação destes cuidados. De facto a primeira vez que pude ajudar, acompanhada pela minha supervisora, foi com um recém-nascido, tendo-me sido pedido que lhe pegasse e tentasse dar-lhe o biberão, tendo depois então passado a também verificar quando era necessário mudar a fralda.

Com o avançar do tempo comecei a tomar conta dos bebés após a sua sesta - nunca deixando no entanto de continuar a ir vendo como se prestavam os cuidados de higiene dos mesmos, nomeadamente os banhos e as mudanças de fralda. Sempre que me era solicitado dava-lhes a refeição quando isso não era possível à funcionária ou à mãe. Convém referir que das poucas vezes que prestei algum cuidado a um bebé tive a supervisão da funcionária em serviço ou da minha supervisora e digo poucas vezes pois

os cuidados de higiene eram responsabilidade de uma funcionária, sendo a minha função fazer-lhes companhia.

Mais tarde passei a realizar, esporadicamente, acompanhamento e outras atividades a nível externo. Estas atividades foram já todas realizadas sob a supervisão e com o acompanhamento da Dr.<sup>a</sup> Ana Castro, visto que a Dr.<sup>a</sup> Vera Pragana estava em licença de maternidade.

A minha primeira atividade a nível externo foi precisamente o acompanhamento de um bebé e da sua mãe a um exame médico.

Mais tarde e durante três dias, acompanhei uma das duas jovens - que até então residiam na instituição - na sua autonomização e dos seus respetivos filhos, sendo uma destas crianças do meu grupo inicial, mais especificamente, a criança A.

Estas duas utentes estavam num processo de saída da instituição e por sugestão da Dr.<sup>a</sup> Ana Castro eu ajudei uma dessas jovens na mudança dos seus pertences da instituição para a sua nova casa. Também no último dia da mudança ajudei-a a arrumar o que necessitava. No caso da outra utente não tive qualquer tipo de papel na sua mudança pois esta era já considerada uma mãe adulta e autónoma. Ainda neste mesmo dia acompanhei um bebé e a sua mãe a uma consulta de otorrinolaringologia no período da manhã.

No dia seguinte, após as saídas destas duas utentes da instituição, exerci as atividades, internamente, de acompanhamento das crianças e de mudança de quarto de uma utente. Com as saídas destas duas jovens, uma das nossas utentes pediu para juntamente com o seu filho, se mudar para um quarto no piso inferior. Aquando desta mudança fiquei com a função de auxiliar esta jovem a transferir os seus pertences e os do bebé do seu quarto antigo para o novo.

Poucos dias depois passei também a iniciar o acompanhamento das crianças à escola, algo que se introduziu na minha rotina diária. Este acompanhamento das crianças à escola ocorreu nos últimos dias do mês de julho.

No dia vinte e quatro de julho, participei, durante o período da manhã, num peditório realizado no *Intermarché* da Guarda a favor da Cáritas Diocesana, tendo a minha participação no mesmo sido uma sugestão da minha supervisora, a Dr.<sup>a</sup> Ana Castro. À tarde regressei ao «Nas©er» e aí continuei a rotina habitual.

No dia 29 de julho acompanhei uma das nossas utentes ao dentista e realizei trabalho na instituição.

Durante o mês de agosto mantive a minha rotina diária habitual com a exceção do penúltimo dia de estágio durante o período da manhã, em que acompanhei as crianças B,

C e D à Biblioteca Eduardo Lourenço a fim de estas participarem na atividade de contos.

Neste dia foram apresentados três contos: A Sopa Queima, Orelhas de Borboleta e Perigoso. Na biblioteca para retratar os contos estavam o Sr. Gabriel e a Marta. Esta atividade processou-se do seguinte modo: à medida que o Sr. Gabriel contava uma história, a Marta recriava a mesma utilizando diferentes materiais que estavam à sua disposição.

Terminei o meu estágio no dia 28 de agosto com trabalho na instituição, acompanhado das despedidas que foram feitas às utentes, às crianças que aí se encontravam e à funcionária que nesse dia aí estava a trabalhar (era a única funcionária que ainda estava na instituição desde o momento em que eu tinha entrado) e, por fim, à Dr.<sup>a</sup> Ana Castro, a minha supervisora.

## Reflexão Final

Nesta reflexão final irei apresentar as minhas dificuldades durante o Estágio, as minhas dificuldades na realização das atividades, as aprendizagens que fui tendo e de uma forma geral como decorreu o Estágio segundo a minha perspetiva.

Este Estágio foi desde o seu início um período de adaptação constante, com algumas dificuldades que tentei colmatar com o avançar do tempo e sobretudo de imensas aprendizagens. Irei em primeiro lugar debruçar-me sobre as atividades e as dificuldades e aprendizagens que obtive das mesmas e passar de seguida para uma perspetiva geral.

Num primeiro período relativamente às atividades, tive algumas dificuldades que foram de certa forma resultantes do ainda fraco conhecimento que eu tinha do grupo. Imediatamente no dia onze de abril – dia seguinte à minha apresentação formal - tentei iniciar a realização de atividades com as crianças, não sendo estas planeadas. Por exemplo, comecei por interagir com o grupo através da minha participação em brincadeiras de modo a que começassem a habituar-se à minha presença. A princípio correu bem e durante um tempo estive acompanhada pela minha supervisora, o que me deixou inicialmente à vontade. Pouco depois, então, fiquei sozinha com as crianças e elas foram no geral bastante acolhedoras e eram muito simpáticas, não mostrando qualquer tipo de barreira à minha presença. Prefiri inicialmente conversar com elas acerca de mim – em jeito de apresentação - prosseguindo para cada uma logo de seguida, para que fosse mais fácil elas adaptarem-se a mim, tentando que me vissem como uma espécie de «nova amiga» com quem poderiam estar à vontade.

Fui, à medida que ia tendo contacto com cada criança, tentando perceber os comportamentos do grupo e, simultaneamente, de cada uma individualmente. Rapidamente me dei conta de que, como já referi anteriormente, cada uma destas crianças era simpática e carinhosa - algo que já me fora previamente dito pela minha supervisora - mas claro eram também crianças com muita energia, em especial a criança C. Esta era, na minha opinião, a criança mais enérgica deste grupo, apesar de uma forma geral, todas elas – apesar das diferenças de idades – serem crianças que não conseguiam parar quietas. Portanto comecei por me aperceber de que teria de trabalhar a questão da firmeza ou coerência. Não podia e não queria ser demasiado firme - dando a impressão errada de que tinha mais poder sobre as crianças do que as próprias mães – mas também teria que impor

limites, ainda de que de forma regrada.

Esta foi a minha primeira dificuldade e confesso que foi a que mais se prolongou durante o meu Estágio, pois ela deriva da minha personalidade e, também, da nenhuma experiência que eu tinha naquele momento, o que nos primeiros dias originou alguns pequenos conflitos entre mim e as crianças – especificamente quando eu lhes pedia para que me escutassem mas não conseguia fazê-lo, sendo necessário pedir ajuda a uma funcionária, a alguma das utentes ou então num outro caso à minha supervisora. Esta dificuldade foi-se, de certa forma, ultrapassando com o tempo devido ao conhecimento mútuo que eu e as crianças fomos desenvolvendo entre nós.

Relativamente às atividades, o obstáculo inicial que aqui se punha era a planificação e posterior realização das mesmas. Foi-me sugerido pela Dr.<sup>a</sup> Vera que planeasse bem as atividades em casa e nos primeiros tempos, lhe enviasse *e-mails* – um por semana – com elas, para que previamente me conseguisse arranjar o material necessário à sua realização. Foi o que eu fiz!

Mas mesmo planeando as atividades, quando chegava o dia eu não conseguia concretizá-las de forma completa – entrando aqui a questão da firmeza supra mencionada. Por outras palavras, eu tinha a atividade planeada, tentava realizá-la mas à mínima distração de alguma das crianças, imediatamente parava a mesma e tentava brincar com elas ao que elas quisessem, para que as crianças não sentissem que eu estava a ser demasiado autoritária. Aliás, esta dificuldade esteve mais presente aquando das primeiras atividades como foi o caso da realização do Jogo da Memória mas tendo sido colmatada aquando da realização da atividade d'Os Sentimentos e das atividades seguintes.

Portanto, posso já aqui referir – e creio que é claro – qual foi a atividade em que tive mais dificuldades e a atividade na qual tive menos dificuldades: A atividade em que tive mais dificuldades foi o Jogo da Memória, devido a não ter qualquer tipo de segurança na sua realização e firmeza no grupo. Aquelas em que tive menos dificuldades – neste caso foram as duas que me correram melhor – foram as atividades dos Sentimentos e *Origami*, nas quais as crianças foram muito participativas, as que planifiquei melhor e nas quais eu já conhecia melhor o meu grupo devido a já me sentir adaptada e segura com o mesmo.

As dificuldades, no entanto, não se ficavam apenas pela adaptação ao grupo mas também à instituição. Esta foi uma adaptação muito lenta e difícil. Eu entrei uma pessoa insegura, sem experiência prática e apenas com o conhecimento teórico que tinha das



aulas e admito que assim que me deparei com o desafio novo que iria ter pela frente, senti receio – que tendo sido posteriormente levado ao extremo se tornou na vontade de desistir do Estágio ainda muito recente nesta instituição, optando por estagiar mais tarde mais perto de casa. Valeu-me a comunicação que eu ia tendo com a minha orientadora de Estágio, a quem participei estas ocorrências, e que imediatamente me foi aconselhando tendo ido comigo conhecer a instituição.

A professora Isabel Portugal tentou assim, através deste tempo dedicado à sua visita ao meu local de estágio – um procedimento normal - dar-me o seu voto de confiança de forma a que todas estas dúvidas que eu tinha se fossem rapidamente desvanecendo para que eu pudesse continuar a dar o meu melhor naquela instituição e não desistisse.

Pude, simultaneamente, após uma reunião em conjunto com a minha orientadora de Estágio em que lhe falei acerca destas inseguranças, contar com a ajuda da minha supervisora de Estágio, a qual também foi imprescindível para continuar o meu trabalho um pouco mais confiante.

Uma última dificuldade inicial foi a supervisão, pois não consegui nesta primeira fase, supervisionar todas as crianças ao mesmo tempo havendo assim algumas falhas da minha parte mais em relação à vigilância das crianças mais pequenas. Mas também com estes erros fui aprendendo e melhorando o meu trabalho dia após dia.

Após algumas destas dificuldades ultrapassadas e estando já mais à vontade com o meu trabalho, o meu Estágio foi-se tornando mais num período de aprendizagens. Estava já totalmente adaptada ao meu grupo, sentia-me plenamente integrada na instituição e as minhas rotinas passaram da realização das atividades com as crianças para o auxílio nas rotinas dos bebés, na segunda fase do estágio. Esta foi por sua vez, a minha parte favorita de todo o Estágio e aquela que me possibilitou obter mais aprendizagens.

Já numa perspetiva geral este Estágio foi enriquecedor para mim em várias vertentes.

Numa vertente curricular fui adquirindo alguma experiência prática do que fui aprendendo em algumas aulas, principalmente nas aulas de Psicologia do Desenvolvimento – das quais aproveitei alguns conteúdos teóricos lecionados para os pôr em prática durante o tempo em que fui realizando atividades com o meu grupo na primeira fase do Estágio e, posteriormente, na segunda fase quando estive em contacto com os bebé e as suas rotinas diárias.

Numa vertente pessoal permitiu-me desenvolver um sentido de responsabilidade que viria a permitir que obtivesse mais maturidade, para além de que foi essencial para o

meu crescimento e para uma mudança ligeira e positiva na minha personalidade. Também o ambiente que se vivia nesta instituição foi mais um ponto a favor do meu crescimento pessoal, pois as pessoas que aqui se encontravam foram uma segunda família para mim e deram-me a segurança, os conselhos e os afetos característicos de uma família e cada uma delas tornou-se alguém especial para mim.

Para finalizar é importante referir que - e apesar de um primeiro período que contou com uma adaptação difícil – acabou por se tornar mais fácil com o avançar do tempo e com o apoio prestado por toda a equipa – este acabou por se tornar num ótimo Estágio, no fim do qual recordei as palavras ditas pelo Excelentíssimo Senhor Bispo Diocesano, D. Manuel Felício “aqui irá encontrar o seu caminho”, e as quais nesta etapa fazem todo o sentido, pois após este Estágio descobri que dentro dos meus horizontes está não só realizar o meu sonho de estudar Comunicação, mas aproveitando o mesmo, dedicar a minha voz a favor do Outro.

## **Bibliografia**

Chateau, J. (1961). *A criança e o Jogo* (1ª ed.). Coimbra: Atlântida.

Odete, M., & Cabral, T. (2003). *Formação de Pessoal Não Docente Animadores e Auxiliares de Acção Educativa*. Lisboa: Ministério da Educação.

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2009). *Desenvolvimento Humano* (10ª ed.). Porto Alegre: AMGH Editora Ltda.

Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Monteiro, S., & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

### Legislação Consultada:

Diário da República, 2.ª série — N.º 176. (11 de setembro de 2012). Obtido em 27 de abril de 2015



# **Anexos**

**Anexo I**  
**Plano de Estágio**

**Anexo II**  
**Diário de Bordo**

## **Diário de Bordo**

Sexta-Feira, 10 de Abril: Apresentação do CAV- Nas©er. Primeiro fui, juntamente com a Dr<sup>a</sup>. Vera Pragana, buscar as crianças à creche pela seguinte ordem: a criança C, a criança B e a criança A foram comigo e com a Dr<sup>a</sup>. Vera no carro e as restantes crianças foram noutra viatura com a Dr<sup>a</sup>. Ana Castro. Pouco depois ao chegarmos a casa/ à instituição levámos as crianças para dentro o mais rapidamente possível devido à chuva que caía, com o auxílio de uma das mães. Já dentro de casa as crianças foram ter com as respectivas mães enquanto eu fui direcionada com as técnicas para o escritório, onde permaneci durante algum tempo. De seguida a Dr<sup>a</sup>. Vera levou-me a conhecer o espaço físico da instituição. De seguida fui apresentada às funcionárias que a essa hora se encontravam a trabalhar e conheci as mães. No fim da visita voltei com a Dr<sup>a</sup>. Vera a casa.

Sábado, 11 de Abril: Saí de casa e cheguei à instituição por volta das 9.30h da manhã Fui atendida por uma das utentes, que me levou para dentro. Esperei um pouco que as crianças se vestissem pois ainda estavam em pijama. Foi nessa altura que conheci mais duas funcionárias, que eram carinhosamente tratadas ali como “avós”. Entretanto dirigi-me para a Sala das Crianças e as crianças foram lá ter comigo. Na sala estavam cadeiras e mesa, espreguiçadeiras e alguns materiais que permitiam atividades de lazer às crianças. Iniciei com desenhos e pinturas e tendo alguns puzzles tentei que elas fizessem puzzles. A criança E ajudava a criança D e desenhava, a criança B desenhava, a criança A tentava desenhar e a criança C desenhava e pintava. No entanto, foi um pouco difícil pois começaram a ficar muito irrequietos e a desarrumar. Algum tempo depois chegaram as técnicas, Dr<sup>a</sup>. Vera e Dr<sup>a</sup>. Ana, e foram ter à sala. Pouco depois as crianças foram comer uma sopa e eu segui com elas. Hoje tivemos ainda a visita do Senhor Bispo, que entre outros compromissos na instituição, tirou algum do seu tempo para estar com as crianças, e a quem, também fui apresentada.